

Os Ladrões de Casaca

NO RIO DE JANEIRO.

Exequias do finado rei de Portugal pela caixa de soccorros de D. Pedro V.

O Catholicismo romano caminha ao seu ocaso.

Esta convicção recrudescer todos os dias por que as provas ressaltam e a verdade se manifesta.

Desde que em um templo catholico não se os observam os mandamentos do Evangelho; desde que os catholicos romanos se esquecem em seus actos da presença de Deos; desde que a religião dos Papas se desmascara, e a luz se faz em todos os espiritos, não resta a menor duvida de que A PALAVRA DO ALTISSIMO toca os corações dos verdadeiros crentes; dos fieis á Nosso SENHOR E UNICO SALVADOR: d'aquelles que entendem que mais convem obdecer á Deos do que aos homens.

E como não hade ser assim?

Não vemos todos os dias postergadas as ordens do SENHOR pelos ministros da grei romana?

Não assistimos á representação comica da transubstanciação? Não vemos os effeitos das hostias dos Malagridas? Não somos testemunhas oculares do como os herdeiros dispoem á seu bel prazer de um TESTAMENTO que não foi legado só á Pedro, mas á Paulo e á todos os discipulos homens e mulheres?

Ainda no dia 11 do corrente uma companhia estrangeira, que sob o titulo de *caixa de soccorros de D. Pedro V.* funciona nesta cõrte, mandou suffragar a alma de seu bem fazejo e fallecido rei, com estrepito e pompa puramente *christian* na igreja de S. Francisco de Paula.

O bronze gemia na torre chamando os fieis ao dobre dos finados; a musica contristava os corações, as preces sahiam de todos os labios, e os devotos tocados pelo sentimento do acto, e sob a pressão que lhes compungia as almas, corriam pressurosos ao templo de Deos, ou antes de S. Francisco, para implorar ao Altissimo por aquella alma que se foi. Mas uma sentinella lhes embargava o intento...

— Não vindes de *casaca*, dizia ella. A vossa calça não é de casemira preta; retirai-vos, não estaes decente para entrar e orar!

Mas ao mesmo tempo afastava-se submissa para deixar penetrar no *santo asylo* o commendador encasacado, ou o convidado que vinha no rigor da ethiqueta!

O conceito que dessa *piiedade* fizeram os que foram repellidos, foi juntar-se aos muitos já manifestados em outras e em idempticas circumstancias.....

Sabe-se do que é a religião romana que commemora á Pedro de Arbues, seu dilecto filho, pelos bons serviços que lhe prestou nos autos de fé; sabe-se de como o catholicismo compulsa e comprehende as paginas do Evangelho; conhecem-se as injurias que soffrem os brasileiros em sua propria terra....

E nada mais acrescentaremos.

ROMANCE HISTORICO

Balcão Baralho e Brazão

ou

As proezas dos ladrões de casaca

POR

R. B.

(Continuação do numero 3)

- Tanta bondade, meu senhor....
- Gosto dos bons criados, e sei que tu mereces bem a estima dos homens de bem.
- Eu só cumpro o meu dever, meu senhor.
- E's sempre dedicado á tua ama?
- Ella é pontual nos pagamentos, Sr. barão.
- E gostarias de vê-la feliz, rica, e respeitada?
- Ella goza tudo isso, Sr. barão; é feliz, é rica, é respeitada.
- Sim; e só lhe falta pertencer á alta aristocracia, ser baroneza, gozar dos titulos e das honras da cõrte.
- Minha ama, Sr. barão segundo tenho ouvido dizer á mestre Leandro, não ambiciona senão assegurar a fortuna de suas filhas e tornal-as o mais feliz que poder.
- E V. Ex. de-me licença....
- Espera, Marciano, tenho que te pedir um favor...
- A' mim, Sr. barão?!
- Sim. Ha muitos dias que espero occasião de fallar a sós contigo. Tu sabes que sou rico, tenho nobreza, e valimento e posso com facilidade obter para ti uma posição vantajosa na sociedade. Posso te fazer juiz de paz...
- Ou inspector de quarteirão...
- Tu zombas, Marciano?
- Não, Excellentissimo. Digo isto por que vejo que V. Ex. é muito poderoso.
- E' verdade; posso pois te fazer juiz, ou o que tu mesmo escolheres. Mas para isto é preciso que me faças um favor.
- V. Ex. pode fallar.
- Toma, entrega este bilhete á tua ama, e leva-me a resposta a manhã á minha casa.
- Marciano recuou um passo, poz o chapéo na cabeça, fechou os punhos e bradou!
- Ah! si não estivessemos na rua....
- O que farias?
- Havia de ensinar a V. Ex. a não ser insolente.
- Por seu turno o barão rubro de colera e de vergonha, avançou para o ousado laçao prompto a esbofeteal-o.
- Porem Marciano descarregou-lhe um sócco em cheio sobre o nariz, sob a pressão do qual o barão vio relusir as estrellas e cahio sobre os degraos de pedra da capella imperial.

Esta ligeira alteração foi sufficiente para reunir em torno do barão uma chusma de curiosos que logo o cercou, enquanto que Marciano bramindo como um touro continuou o seu caminho dirigindo-se para a rua da Misericórdia.

— Agarrem, agarrem nesse patife, gritava o barão tentando erguer-se.

— Ah! é o Sr. barão de Pirapóca. O que foi isto Sr. barão? perguntou um dos curiosos.

— Foi um ladrão que me quiz roubar e que segundo me parece me ferio no rosto com o seu punhal.

E levantou-se.

Imediatamente ouviu-se o apitar das patrulhas, o povo tornava-se compacto, e permanentes a cavallo, inspectores de quarteirão, e pedestres se aproximaram do misero barão.

— Foi um ladrão, dizia o povo, que lhe deu uma punhalada no nariz para roubar a S. Ex.

— Quem é elle, para onde fugio? perguntava a soldadesca.

— Fugio por esse largo á fora.

— Que qualidade de homem é?

— É um sujeito todo vestido de preto....

— Os soldados, os inspectores, correram em todos os sentidos, e o barão tratou de fugir aos curiosos dizendo:

— O golpe não foi profundo, preciso de repouso.... Mandem vir um carro...

Um officioso partio e voltou em breve com um carro de aluguel no qual o barão entrou promettendo mandar sua queixa á policia.

Entretanto, Marciano chegou á salvamento á casa do Dr. Cotindyba.

V.

A' meia noite D. Maria da Silva e suas filhas retiraram-se da companhia dos officiosos convidados, depois da sensaboria de *um cha* como são todos os chas do Rio de Janeiro.

O par fraterno ficou só.

— Ora, com effeito, meu irmão, admira-me a tua inesperienza. Pois não percebes que ella não nutre por ti sentimento algum de ternura? Não te passou ainda pela cabeça a supposição de que pelos meios licitos nada conseguiremos?

— É verdade, Florzinha, agora tudo isto brilha á meus olhos como um diamante aos raios do sol.

— Irmão, eu tenho reflectido, e muito! A tua desenfreada paixão pelo jogo nos arruinou completamente, e á borda já do funesto precipicio só nos poderá salvar um acto de bravura e heroismo de que tu serás o principal actor.

— Mas de que acto fallas tu? Explica-te....

— Simplesmente do seguinte: A somnolencia, o rapto, a deshonra e depois a reparação por meio do casamento.

— Peste! Ella resistirá.

— Qual *ella*! Refiro-me á alguma das filhas. Que te importa a pessoa? Não é o dote que buscamos?

— Deixa-me primeiro reflectir.

— Nada de reflexão, *quem pensa não casa*.

— Em summa....

— Ajudar-te-hei. Propinarei um narcotico á uma dellas, ficando o rapto por tua conta.

— Está dito!

— E amanhã estará tudo concluido.

— É mais de meia noite.

— Então, o dia de hoje será de grande expediente. Boa noite, irmão.

E a ruiva e sardenta Sra. D. Florisbella, tomou um castiçal onde ardia uma vella de espermacete, e retirou-se

para o seu aposento de solteirona idosa na phrase de um celeberrimo deputado de nomeação ministerial.

O Dr. ficou boquiaberto, admirando o tacto, e o genio transcendente da inestimavel irman.

Depois, fez como ella, foi dormir.

A' esse tempo o barão de Pirapóca, estendido sobre um divan de sua *sala nobre* tinha sobre as ventas um chumango embebido em arnica.

A seu lado estava seu mordomo, brasileiro naturalisado como elle, e especie de rochuchudo manequim de casa de roupa feita, cujos elbos em extremo pequenos pareciam immoveis sob os cilios imperceptiveis.

— Manoel de Souza, dizia o barão; o meu negocio é de vida e morte.

— Compreendendo, meu amo, V. Ex. foi insultado...

— E por um ministro da corôa, que, bem como eu aspira a mão da viuva. Tu sabes que tenho fortuna de sobra.

— Sei, meu amo.

(Manoel de Souza sabia o contrario.)

— ... e que só por extrema paixão quero effectuar este casamento afim de suplantar o meu rival. Infame! Deu-me um tal sôcco!

— E ás trações, meu amo!

— Sim; fugindo vergónhosamente por entre uma multidão de carros, quando eu o presegui para exterminar-o. Já vês pois o motivo por que careço de ti.

— Tenho tudo comprehendido e V. Ex. hade ficar satisfeito.

— Então como tens comprehendido?

— Farei, logo que amanheça, chegar ás mãos da Sra. D. Maria da Silva, futura baroneza de Pirapóca, a carta que a convida a chegar á toda a pressa á Copacabana, onde se acha a policia interrogando e prendendo os seus famulos, accusados de haverem assassinado esta noite sua tia D. Thereza de Caciubas. Nessa carta, o seu feitor lhe pedirá que vá em carro de aluguel por que até o seu cocheiro e laçao estão comprometidos.

— Muito bem; não esqueças esta circumstancia.

— Ella entrará no carro de aluguel, que por acaso estará á alguma distancia de sua residencia á espera de freguezia, e o cocheiro a conduzir.

— Para a chacara que está com escriptos na Lagôa de Rodrigo de Freitas.

— Eu lá estarei com seis homens mascarados, armados de punhaes, e forçal-a-hei.

— Isto é, fingirás forçal-a, nada de...

— Está claro, meu amo.

— Os homens a amarrarão e depois...

— Eu chegarei a tempo de espada em punho e a livrarei.

(Continúa.)

A Cruzada dos ladrões de casaca.

I.

Os antigos Romanos dividiram-se em duas classes — *Patricios e Plebãos*.

Na dos Patricios resplandecia a authoridade e a riqueza, na dos Plebãos a humildade e a pobreza,

Um bello dia porém, a luz divina appareceu-lhe fazendo conhecer os seus direitos, então o povo erguendo-se como um Gigante, exigio, que d'entre elle fosse nomeado quem o representasse foi satisfeito, nem podia deixar de ser, creou-se o Tribunato.

Comparando, o que se vê aqui? Duas grandes Taças collocadas n'um elegante Edificio: uma com o doce licor que felicita os Patricios e aviventa o absolutismo, a outra

com fel amargo que adormece os Plebêos e soffoca a liberdade.

II.

O *Pergaminho* esse fascinante documento indica o homem habilitado para bem servir os cargos publicos tornando-se digno da consideração e estima de seus concidadãos; porem se o habilitado busca o Estandarte da politica para satisfazer sua desregrada ambição, ei-lo de carreira à laça, e um só trago do licor o colloca na classe dos Patricios.

E' infelicidade dos nossos Plebeos! Nunca tiveram nem tem quem verdadeiramente os represente, os defenda e sustente sua liberdade, e se algum apparece é silingornio, que mais cedo ou mais tarde corre à laça e ei-lo na cruzada dos Patricios.

Coriolano orgulhoso Patricio tentou abolir os Tribunos do povo, porem este se lhe oppoz, conseguindo até que fosse banido de Roma.

Os Patricios da cruzada não aboliram os Juizes de Paz porem tiraram-lhes suas melhores attribuições, as garantias publicas.

(Continua.)

Escandalo social.

Raro é o dia em que nesta capital do Imperio não se abre á concorrência publica mais um açougue de carne fresca.

Diz o antigo annexim, que o boi é vacca no açougue; mas podemos afirmar á fé de quem somos, que a carne exposta nesses de que fallamos é puramente de vacca.

Não vem ellas das invernadas trazidas pelos invernistas ou compradas pelos atravessadores e monopolistas.

Criam-se nesta cidade, tranzitam por ella sem marra-rem os tranzenentes, e são levadas ao açougue sem soffrirem mutilação alguma.

São vaccas de nova especie, negras como um azeviche, e cuja carne dá um lucro espantoso á seus legitimos possuidores.

O leitor não tem visto desses açougues nas ruas do Hospicio, dos Andradas, do Sabão e em outras?

Pois esses açougues foram inventados por gente que frequenta a melhor roda, entra no seio das mais conspicuas familias, recebe galardão de seus haveres commerciaes.

Quer'o leitor ouvir a historia de uma vaquinha? Escute:

Era uma vez um homem rico, casado e com trez filhas. Negociava nesta cidade em negocio de grosso trato; era cavalleiro de umas das Ordens do Imperio, e commendador da de Christo portugueza.

Esse homem, vizitando um dia a fazenda de um compadre do Municipio de Cabo Frio, comprou-lhe uma vaquinha preta pelo valor de um conto de reis, e retirou-se com ella para esta côrte sem pagar a quantia.

Mas passou uma letra á 15 dias, letra negociada pelo compadre, e protestada em segunda mão pela falta do respectivo pagamento.

Já vê o leitor, que á vista de tal occurrencia o proprio negociante pediu abertura de fallencia, e quebrou das verilhas com toda a certeza.

D'ahi deu-se como roubado, foram prezos os seus caixeiros e processado o caixa pelo desaparecimento de cem contos de reis, tirados da burra em alta noite pelo proprio negociante, que tinha a chave á sua disposição.

Vieram os credores, e não acharam um real; mas um delles lançou mão da vaquinha e chamou-a sua propriedade.

O juiz annuo e o negocio ficou liquido.

Entao o *mitra* andou affectando pobreza.

Fez como o Visconde de S.

Primeiro andou á pé, depois de diligencias e trem de ferro, e por fim atroou a cidade com o estrepito de suas carruagens, atirando para um canto o bordão mendicante e envergando a casaca dos homens de gravata lavada.

Em pouco tempo mascateou em tudo. Quitanda de balas e cocadas, linhas e alfinetes, nabos e nabijas, caldo de cana, cangica cosida, caffè ambulante, galinhas, amendoins e pipocas, em tudo em fim!

Sua ganancia foi descommunal, seu espirito infatigavel. sua comica desmedida!

Criou entao os açougues de nova especie: vendeo carne gorda de vaccas pretas, e, cousa singular! As vaccas deste homem davam-lhe o jornal de vinte mil reis diarios, sem soffrirem as agonias do talho!

D'ahi veio-lhe a lembrança de tornar a comprar a vaquinha preta, e de levá-la para um açougue especial.

E assim fez. Estabeleceu-a á rua do Hospicio, mobilou-lhe o açougue, deu-lhe em vez de palha para dormir uma cama escolhida por suas proprias mãos; em vez de mangedoura uma mesa elastica; e em lugar de capim o fornecimento nutritivo de uma casa de pasto!

Chamou-lhe freguezia, deu-lhe cartões de visitas com o nome da vaquinha, e vales impressos no valor de 10\$000.

Estes vales dizem assim, amigo leitor:

« Uma entrada, e uma sahida valem dez mil reis que recebi adiantados. — *Maricôta.* »

E impoz-lhe o jornal de 50\$000!

Onde é que esta pobre vaquinha iria todos os dias buscar 50\$000, quando as de sua côr só vendem a meia quarta de sua carne á dez tostões?

A misera não achou freguezia por tal preço, em uma epocha em que o Alcazar todo ganhava!

No fim de oito dias foi parar á correção, onde raspam-lhe a cabeça e encheram-lhe as mãos de palmatoadas. Mas era pouco.

Veio para casa do Sr., foi surrada e depois de curada, voltou para outro açougue, onde houve abaixamento de preço e o jornal foi reduzido á 20\$000

A vista da fintação do 1º pagamento da vaquinha, da quebra fraudulenta, do roubo aos credores, e dos cem contos tirados da caixa, não será esse negociante um ladrão de casaca?

Cremos que sim, e desde já o convidamos a vir desmentir-nos.

Theseo.

Carta das Bahianas ao João Antonio Segredo.

Sr. J. A. Segredo.

Maldita foi aquella hora em que Vmce. nos mandou buscar e á nossa mãe na cidade da Bahia para lhe fazer-mos companhia!

Depois de usar de nós em todo o sentido e alternadamente; depois de praticar quantas infamias bem lhe pareceu, na miseravel esteira que nos deu, e ao lado do quebrado pote que nos foi presente seu, chegamos á necessidade de despedil-o, porque alem da miseria da condição a que nos reduziu, tinhamos a miseria da fome.

Safado! Infame! homem estúpido e ordinario!

Pagaste-nos a casa das proximidades do Engenho Velho; mas destes por fiador aquelle certo carpinteiro muito seu conhecido.

Nem pão para comer, nem roupas para cobrir nossa nudez.

Vem, miseravel e pela ultima vez carregar o pote e a esteira que te atiramos á cara, cheias de arrependimento e vergonha!

(Estava aqui a assignatura.)

Carta da infeliz Carlota cativa ao João Segredo.

Sigo o exemplo das almas indignadas.

Repillo-te com a ponta do pé.

Podia repellir-te com o sapato á custo enrubecendo-te as faces.

Mas o que te resta a perder?

Fizeste comigo o trato de proporcionares 40\$000 de alluguel de casa...

Mas és carpinteiro e pensastes que aquella casa podia ser substituida por uma casa de cortiço unica offerta que nos fizestes.

Despertei á tempo. Para um infame de teu quilate, só um desses artefactos que se penduram ás portas dos corrieiros da Candelaria!

Perdeste a vergonha... Todo o mundo é teu. Carlota.

Trindade perrengueira.

Péga nesse perrengueiro
Que anda á laia de pião
Montado na cavallhada
Do malandro do patrão!

(J. A. Segredo.)

Um destes *brusundangas* que por artes diabolicas, se apresentam nesta cidade carpinteiro e negociante de cavallos; chamou, por mal de seus peccados, para caixeiro da fútrica, á um certo quidam, meio alcetroado e meio lavado.

Imaginem os leitores um lórpa, já brunido, estudando a pronuncia brasileira e fazendo-se bahiano e terá idéa do que é o Sr João, ou talvez Antonio, com feições de Segredo.

Ora, o lapuz, tomando tento no negocio, principiou as suas altas cavallarias *brunindo* a gaveta da patroa.

D'ahi as falcatrúas, a apresentação ás *patricias*, a frequencia das amizades do *Fanha*, e por fim o complemento da educação do casmurro.

De proêzas em proêzas, de *brunição* em *brunição*, chegou o desalmado malandro á lançar suas vistas requebradas para uma preta rica moradora lá para o Engenho Velho.

A repulção foi o resultado deste intento desastrado. Uma janella fechada á cara do besuntão, a ameaça de um xicote no lombo, e dos cinco mandamentos na deslavadá chocolateira, foi o incentivo que o levou ao *Correio Mercantil* para publicar sob o titulo de — *As cativas* — as sandices que obteve do *Capenga*.

Si ha moral depravada, sentimentos rebaixados, distincção infame, o *capenga caixeiro* cunhado tudo tem!

Miseravel ao ponto de levantar as vistas para a propria..... imundo até não lavar-se nem uma vez por mez, este traste descido ao infimo da degradação, é o que ha de mais asqueroso na sociedade!

Lixo lançado ás praias, e arrecadado por um José ou por um *Candido* faz-se de parceria com estes, socios do carpinteiro *maromba* no atrophamento á reputação da incauta preta!

Podesse a policia, em vez do juiz commercial, prescrutar os arcanos desse *Deve e Hade Haver* e teria mais um inquilino para os cubiculos do Major Thompson!

Não ha ilha *estabellecida* á rua do Fogo ou do Hospicio que não possua um objecto que lhe foi deixado em penhor pela falta do respectivo pagamento.....

Não ha vadio frequentador do Cães Pharoux ou da rua de S. Jorge, a quem elle não deva os favores que recebeu... — *Calloteiro* — é o seu epitheto privativo — *Capenga* a sua alcunha de familia!

E por que?

Por que esse immundo, mandou buscar á cidade da Bahia uma mãe e trez filhas, das quaes é o *tunante*, e ellas se chamam *capangas*!

Desastrado será o fim dessas miserandas, e basta-lhe o conetato do reprobato!

Ah! si o leitor o visse em conselho com o José e o *Candido* todos surripiadores no Engenho-Velho; si os visse redigindo as sandices que apparecem sob o titulo *caticas* veria até onde pode chegar a estupidez, o cynismo, e a depravação destes — *capenga maromba* — e — *Lingua rudo*!

Pela nossa parte louvamos o procedimento da preta rica atrozmente offendida.

Repellio, ameaçou, castigou o insolente!

Mas aquellas faces jamais coram!

Continuaremos, leitor, porque esta *trindade capangueira*,

« Conhecido no Engenho-Velho
« Nesse lugar afamado,
« Tem por socio um tal Segredo
« Pelinirão desaforado!

Segredo, Maromba e Capenga.

(Continua com verdade em tempo competente.)

O Jornal do Commercio e os diffamadores.

Com o titulo acima foi publicado na *Opinião Liberal* e depois transcripto no *Correio Mercantil*, de 14 do corrente um insultuoso artigo em que de envolto ás mais asquerosas sandices, quer o redactor d'aquelle papelucho atirar nós o insulto e a diffamação!

E quer o leitor saber quem é o redactor da *Opinião Liberal*, quem é este mendigo que ousa querer moralizar a sociedade, quando é elle o maior devasso que conhecemos?

Quem não o terá visto dando o braço ás francezas e a uma hespanhóla, para conduzi-las aos hoteis, em que, fazendo um papel desprezivel, partilha do lucro destas mulheres, e as conduz pelo braço ao leito da lascivia? Quem não conhece o famigerado Luiz Gomes de Mello, conhecido por Mellô, porque para adular aos francezes, affecta pronuncia carregada, para melhor parecer-se com elles? Quem não se lembrará do trampolneiro que quando redactor do *Monarchista*, abuzou da boa fé dos incautos a quem pediu assignaturas. Quem é que não olha com asco revoltante para este jogador de profissão, este velhaco, este cão?! Mercê de Deus, ainda não praticámos infamias, ainda não corou-nos as faces, por um crime, desminta-nos o asqueroso redactor da *Opinião liberal*, accuze-nos com as provas na mão, mas que o seja pelo *Jornal do Commercio*, porque por sua folha apenas nos teriamos contentado em limpar com ella o..... pois tal é a *consideração* que merece um pasquim, que se vende a quem mais paga, que se prostitue a quem melhor sabe incital-o á devassidão!